

Conferência

PESQUISA FILOLÓGICA: OS TRABALHOS DA TRADIÇÃO E OS NOVOS TRABALHOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Heitor MEGALE (Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: *Written as a homage to Manuel Rodrigues Lapa, by his birth centenary, this paper focuses the philological research. The aim is to gain the knowledge with a brief report of critical or polemical quotations from Lapa's works. In sight of traditional, it points to necessary care with modern works.*

KEY WORDS: *Philology, Textual Criticism, Portuguese Philology.*

0. Introdução

De início, quero externar meu agradecimento à Diretoria do GEL pelo honroso convite que me fez para proferir uma das três conferências de abertura do XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, nesta manhã de 22 de maio de 1997, aqui na Universidade Estadual de Campinas.

Ao falar de Pesquisa Filológica, em circunstância especial como esta, é muito justo que prestemos sincera homenagem a Manuel Rodrigues Lapa, por ocorrer, neste ano, o centenário de seu nascimento. É uma maneira de nos juntarmos às vozes que fazem eco a seus trabalhos e a suas lições, onde quer que se desenvolva trabalho em Filologia Portuguesa, por todo o mundo lusófono e mesmo para além de seus limites.

Para trabalhar o tema da Pesquisa Filológica, como pretendo, a partir da distinção entre os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em Língua Portuguesa, parece-me que o nosso homenageado falecido em 1989, na propecta idade de 92 anos, além de sua profícua atuação em trabalhos que se tornaram clássicos, merece reconhecimento também por revelar predicados que se afinam perfeitamente com as exigências mais recentes da Filologia.

Em ocasiões como esta, é lugar comum enfatizar a primeira dificuldade ou a série de dificuldades que o tema escolhido impõe; em nosso caso, passar ao largo não é um recurso de retórica nem tampouco sua negação, mas tão somente um propósito de trazer à reflexão de quantos fazem ou têm a intenção de fazer Filologia - e o interesse por este fazer Filologia tem-se revelado crescente neste fim de século - alguns dados aferidos de uma constatação do que vem acontecendo recentemente na Área.

Os trabalhos que vimos freqüentando ao longo dos últimos anos têm revelado tendência nitidamente marcada pela preocupação em não se deixar perder nenhum dos traços da fonte primária no ato de transcrição, diria mais: mesmo as anotações à margem ou nas entrelinhas, bem como informações consideradas alheias ao conteúdo do texto passam a despertar interesse. Observa-se igualmente renovado rigor na busca de exatidão e fidelidade às fontes. Em consequência, passam por acurada revisão os

critérios geradores de normas de transcrição. O momento decisivo do trabalho filológico é, sem dúvida, este do estabelecimento de normas de transcrição que sejam, ao mesmo tempo, compatíveis com o texto que se transcreve e com o interesse que orienta a própria transcrição. Neste sentido, verifica-se que há objetivos bem definidos no desenvolvimento daquela tendência de busca de todo o conjunto de dados que o texto põe à disposição do pesquisador. À primeira vista, pode parecer que estaria ocorrendo uma simples busca de dados novos, mas não é isso, nem se trata de dados novos; de fato, não há nenhum dado novo, todos os dados são tão antigos quanto o próprio texto, visto que estão lá, desde que o texto foi escrito. O que está acontecendo é que os critérios são novos, isso sim. Esse é o principal aspecto da renovação que constatamos. Além desse aspecto, registra-se uma multiplicação de trabalhos, em diversas linhas, distribuindo-se, mais equitativamente do que antes, pelos sucessivos períodos da História da Língua, ao mesmo tempo em que se voltam, com redobrado interesse, para textos além dos literários.

Na verdade, o alvo visado por essa volta à Filologia - se é que se pode voltar a um trabalho que nunca se deixou de fazer - é a busca de dados que permitam maior segurança na transcrição dos textos das diferentes épocas de modo a propiciar conjunto confiável de *corpora* para a Linguística Histórica que se pretende mais consistente e mais competente para dar conta da descrição da língua - de acordo com as diversas linhas de descrição que se sucedem -, do desenvolvimento da linguagem e dos processos de evolução da língua melhor do que talvez a Filologia, que respondia igualmente por esse estudo, tenha conseguido fazer.

Assim sendo, vamos, sem mais delongas, à busca dos dados comprovadores da tendência que reconhecemos e trazemos à consideração de todos. Seria impossível, além de desnecessário, elencar todos os trabalhos filológicos em Língua Portuguesa para distinguir os trabalhos da tradição dos novos trabalhos. Vamos nos valer de um recorte que consideramos suficientemente esclarecedor e, para tanto, nossa preferência volta-se para alguns dos trabalhos de nosso homenageado: Manuel Rodrigues Lapa. Não apenas para os trabalhos originariamente seus, como por exemplo as *Cantigas de Escárnio e de Maldizer*¹, mas ainda pelas intervenções suas em trabalhos de outros, aos quais acaba por trazer contribuição inequívoca, como fez, por exemplo, com suas anotações às *Cantigas de Amigo*, de José Joaquim Nunes e à *Gramática do Português Antigo*, de Huber.² Como não é possível enriquecer muito mais o elenco com outros trabalhos da mais alta qualidade, tivemos que nos fixar numa escolha que recaiu, pelas mesmas razões, sobre os trabalhos de edição d' *A Demanda do Santo Graal*, o texto que mais empenho encontra entre seus diversos editores, em épocas diferentes, em consequência do que situa-se, podemos mesmo adiantar, entre os trabalhos que provocam a passagem do tradicional para o novo em matéria fazer Filologia.³ Com tais obras, já é farto o material para exame dos critérios que norteiam nossa exposição, no entanto, a seu tempo, marcam presença eventual outros títulos, desde que propiciem oportunidade de cotejo. Trataremos aqui de oito questões:

1. *Cajon* no verso de uma cantiga;
2. *Caion*: mais ocorrências e variantes nos Cancioneiros da BNL e da Vaticana;
3. *sfta / sua / s'ia* em lições de cantigas;
4. Um "link" de volta para *caion / aqueiyon*;

5. *Cajoões na Demanda do Santo Graal;*

6. *soterre / cofre na Demanda do Santo Graal;*

7. *Grafemas de ambígua leitura na Demanda do Santo Graal e na Post-Vulgata;*

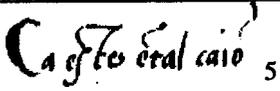
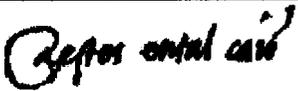
8. *Exemplos de transcrição a seguir*

Tal percurso nos permitirá observar: o trabalho de intervenção de editores diferentes, as variantes e a datação das formas, o critério de intervenção de base morfológica, um eventual erro de leitura e sua conseqüência na lexicografia, as variantes neutralizadas por se desprezar o aparato crítico do editor, os dados que pode acarretar a ambigüidade de lições de determinados grafemas entre editores diferentes bem como em língua românica diferente, por fim, a busca da melhor transcrição para o estudo lingüístico.

Por uma questão de cronologia, vamos tratar primeiro do trabalho de José Joaquim Nunes e da recensão que a ele foi feita por Manuel Rodrigues Lapa. Havia muito tempo que o mestre de Anadia vinha trabalhando a lírica portuguesa, mesmo porque, no ano seguinte à edição crítica das *Cantigas de amigo*, de José Joaquim Nunes, publica seu trabalho de doutoramento, a preciosa tese *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, inspirada sem dúvida na obra de Alfred Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France au moyen age*, de 1889, mas que havia chegado à terceira edição em 1925.⁴ É bom lembrar que nosso homenageado, em sua estada em Paris, foi aluno do próprio Jeanroy e de Mario Roques.

Repassar as anotações de Manuel Rodrigues Lapa à edição das *Cantigas de Amigo* feita por José Joaquim Nunes obriga-nos a volver a uma bibliografia um tanto esquecida, mas muito importante. Diante da impossibilidade de esgotar o assunto, vamos ser pontuais, visto que o ponto escolhido é suficientemente rico para nos ensinar como proceder ao exame da edição em confronto com as respectivas anotações. O ponto escolhido está numa cantiga de amigo de Dom Denis, de que damos o primeiro verso e o verso em questão.

1. *Caion* no verso de uma cantiga

B. 583: "Amigue falsse desleal"	V. 186: "Amigo fals' e desleal"
verso:  5	verso:  6

Monaci lê em B.: "Caestes ental caio"⁷ José Pedro Machado lê em B.: "Caestes en tal caion"⁸ Teófilo Braga lê em V.: "Caestes en tal cajon"⁹ Caetano Lopes de Moura lê: "Ca estas en tal caion."¹⁰ Henry R. Lang lê: "Vós caestes em tal cajom."¹¹ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, e Silvio Pellegrini lêem: "Caestes en tal [o]cajom."¹² Manuel Rodrigues Lapa, em 1927, lê: "Caestes en atal cajon"¹³

Esta última lição, registrada em recensão ao trabalho de Silvio Pellegrini, gerou enriquecedora polêmica acerca da polimorfia do vocábulo *cajon* e da busca de datação de suas formas. Lapa abre o parágrafo com a forma: *ocajom* e diz o que segue:

Seguindo o dr. Nunes, o sr. Pel. lê *ocajom*, contrariamente ao que está no manuscrito e ao que era empregado por D. Dinis, C. B. 409, 415. O verso deve ser restituído a esta forma, *Caestes en atal cajon*.¹⁴

Em 1929, no texto inicial da recensão completa à edição de José Joaquim Nunes, Manuel Rodrigues Lapa, ao chegar à cantiga de número 34, registra:

Precisa-se duma sílaba para a medida do verso. Em qual dos dois elementos tocar, *tal* ou *cajon*? Em princípio, se a obra do trovador não se opuser a isso, deverá mexer-se, de preferência, no adjectivo corrigido em *atal*. Carolina Mic., (Rev. Lus. III, 130, n. 4 e Zeit. f. r. Ph. XIX, 530 e Nunes preferem *Caestes en tal ocajon*. Há na obra de D. Denis dois exemplos curiosos e talvez decisivos da omissão do *a* em *atal*: L. V, v. 5 e CXXXVIII, v. 10; cf. N. III, 717. No 1.º exemplo a interpolação de L. [vos] é falsa e gramaticalmente errada (Zeit. f. r. Ph. XIX, 522): o v. deve ler-se: *veja, mais atal confort'ei*. No 2.º exemplo a interpolação de L. também não satisfaz. O verso deve ser corrigido: *pois se por atal cajon perderon*.¹⁵

Em outra oportunidade, Manuel Rodrigues Lapa volta ao assunto: aduz que a forma *cajon* é mais recente que *ocajon e*, sendo Dom Dinis trovador de uma época já tardia, em seu tempo já devia predominar a forma simples, e também argumenta com dados estatísticos.¹⁶

Em 1933, Silvio Pellegrini manifesta-se a respeito das razões de Manuel Rodrigues Lapa.¹⁷ Começa reconhecendo que a forma *cajon* pode, de fato ser predominante no tempo do rei Dom Denis, o que não o impede de refazer a pesquisa de ocorrência das diversas formas com que o vocábulo se apresenta. Encontra na cantiga 781 do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, o verso 9: "Nõ me guardaua eu de tal acayo." O fato de a cantiga ser de D. Alphonso Sanchez (1283-ca.1329), filho bastardo do rei Dom Denis, certamente o impulsionou a ir mais a fundo na questão. Segue prte do levantamento de ocorrências de "cajon" que apresenta, com os versos que fomos buscar nos manuscritos.

2. Caion: mais ocorrências e variantes nos Cancioneiros.

α	B. 513	v. 22	<i>Como fñdi ocaion</i> 18
	V. 96	v. 22	<i>como fñdi ocaion</i> 19

José Pedro Machado lê em B.: "Como prendi ocaion"²⁰ Teófilo Braga lê em V.: "Como prendi o cajon"²¹

β	B. 781	v. 9	<i>nō me guardava eu de tal acayo</i> 22
	V. 365		<i>nō me guardava eu de tal acayo</i> 23

José Pedro Machado lê em B.: "Non me guardava eu de tal acayo[n]"²⁴ Teófilo Braga lê em V.: "Nom me guardava eu de tal acajon"²⁵

γ	B. 1316	v. 17	<i>Que teedes hy enion</i> 26
	V. 921		<i>que teedes hy enion</i> 27

José Pedro Machado, lê em B.: "Que teedes hy cayon"²⁸ Teófilo Braga lê em V.: "Que teedes hy cajom"²⁹

δ	B. 1489	v. 2	<i>Se deo m ualha pñdeu hū caio?</i> 30
	V. 1100		<i>se deo mi ualha prendeu hū caio</i> 31

José Pedro Machado, lê em B.: "Se Deus mi ualha, prendeu hun caion"³² Teófilo Braga lê em V.: "Se deus mi valha, prendeu hun cajon"³³

ε	B. 1536	v. 24	<i>Sen caio dela est auentado</i> 34
---	---------	-------	--------------------------------------

José Pedro Machado, lê em B.: "Sen caion, d ela est auenturado"³⁵

ζ	B. 1542	v. 2	<i>Tres bestas nō ni de mayor caion</i> 36
---	---------	------	--------------------------------------------

José Pedro Machado, lê em B.: "Tres bestas , non ui de mayor caion"³⁷

η	B. 1542	v. 17	<i>Poys se part al caion perderon</i> 38
---	---------	-------	---------------------------------------------

José Pedro Machado, lê em B: "Poys se part al caion perderon"³⁹

Sem dedicar-se tão exaustivamente à pesquisa em torno da ocorrência de *tal / atal* como dedicou-se à de *caion / ocaion*, Silvio Pellegrini concorda *a priori* com Lapa quando o Mestre de Anadia diz que

para a contagem silábica, os trovadores usavam de reforço, desenvolvendo silabicamente certos monossílabos. *Tal* e *atal* estão precisamente nestes casos.⁴⁰

No entanto, Silvio Pellegrini considera sua lição preferível à de Lapa "che à solamente possibile e non è sostenuta da nessun indizio".⁴¹ Em busca do significado mais apropriado para a palavra, prossegue numa incursão por alguns testemunhos em prosa, traz referências das *Cantigas de Santa Maria*, invoca a edição do *Cantar de mio Cid*, de Menéndez Pidal, menciona textos jurídicos coevos, registros e abonações de dicionários especializados como o de Godefroy, para considerar errada a tradução como "desgraça" e apenas admissível a interpretação de Nunes: "desacerto, incorreção, falta da cordura".⁴²

Esses dois primeiros casos pontuais de trabalho filológico permitem algumas reflexões. Sem dúvida, a grande lição que a polêmica nos ensina é a do método como se desenvolveu a questão em torno de um caso muito definido de polimorfia: envolve diretamente a morfologia histórica, interessa para a relação grafema / fonema, traz dados para uma história da ortografia, a partir dos testemunhos manuscritos e de leituras críticas que devem ser cotejadas, documenta a convivência de formas numa altura em que não se firma ainda uma entre tantas para a mesma palavra, além de fornecer material para o estudo da métrica, inserindo-se na espinhosa questão da ametria, por hipometria ou por hipermetria na poesia trovadoresca. Há, no entanto, outra lição: a da busca de onde fazer a melhor intervenção. É assunto de Linguística avaliar o critério de Lapa que parece não apenas possível, mas certamente mais sustentável do que imaginou Silvio Pellegrini.

Pode-se aferir como o texto metrificado, cujo interesse a Linguística, por outras razões, relativiza - não considera o mais apropriado para o estudo de certos aspectos, como por exemplo, a sintaxe - mostra que tem muito a oferecer para o estudo da Linguística Histórica. Rosa Virgínia Mattos e Silva assinala que

Certamente a documentação poética será a mais informativa para a análise ao nível fônico, uma vez que as rimas são de fundamental importância para o estabelecimento de realizações fonéticas e para a apreensão do sistema fonológico vigente.⁴³

3. *s/ta / sia / sua / s'ia* em lições de cantigas trovadorescas.

Para chamar a atenção para a questão da métrica, que não é tão simples, trazemos apenas três casos que comprovam a extrema utilidade que pode ter a linguagem metrificada. Não vamos entrar na questão da rima, mas, à vista do que a métrica pode suscitar em matéria de fonologia, pode-se depreender que a rima tem muito a ajudar em questões como a da prosódia. Como dissemos, apenas estes três casos.

O primeiro:

B. 1612: "Loaviã fjuũ dia em Lugo"	V. 1145: "Loauã huu dia en lugo"
verso 	verso
44	45

Monaci lê em B.: "caaloa rom qnt9 ali sijam"⁴⁶ José Pedro Machado, lê em B.: "ca a loarom quantos ali sijam"⁴⁷ Teófilo Braga lê em V: "Ca a loaram quantos ali siiam"⁴⁸ Lapa lê: "ca a loarom quantos ali siiam", percebe-se por que adverte em seu aparato: "siiam aqui uma sílaba só".⁴⁹

O segundo:

B. 676: "Causalgaua noutro dia"	V. 278: "Causalgaua noutro dia"
verso: 	verso:
50	51

Monaci lê em B.: "e hunha pastor sua"⁵² José Pedro Machado e Teófilo Braga lêem: "E unha pastor siia"⁵³ José Joaquim Nunes lê: "e ùa pastor siia" sem qualquer referência ao hiato em "siia" no volume II, de suas notas.⁵⁴ Gladis Massini-Cagliari lê: "e ùa pastor siia", podendo-se observar sua leitura do hiato ao contar os pés, o que a pesquisadora faz pela fonologia paramétrica.⁵⁵

E o terceiro:

V. 1489: "Eluyra lopez aqui nõtro dia"	V. 1100: "Eluira lopez aqui noutro dia"
verso: 	verso:
56	57

Monaci: "enunca ar soube contra hu sua"⁵⁸ Teófilo Braga lê em V: "E nunca ar soube contra hu siia"⁵⁹ José Pedro Machado, lê em B.: "E nunca ar soube contra hu siia"⁶⁰ Oskar Nobiling: "e nunca ar soube contra u siia"⁶¹ Lapa: "E nunca soube de contra u s'ia."⁶²

É interessante observar que Nobiling não acolhe a preposição "de" do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, mas lê deste *Cancioneiro* o imperfeito do verbo "seer": "s'ia", com plicas muito apagadas, enquanto Lapa, depois de informar as lições Br (Brancuti), Nob (Nobiling) e Mdo (José Pedro Machado), acolhe aquela preposição, mas intervém na leitura da forma verbal que faz: "s'ia", explicando em seu aparato que: "de contra u s'ia" significará "para onde tinha fugido". Levando-se em conta as condições da conjunção carnal do "peon" com Elvira Lopez, justifica-se o emprego da forma verbal de imperfeito do verbo "seer": "s'ia"; por outro lado, além de conferir com outras três lições, é cabível a explicação: "junto a quem estava", o faz da passagem rico exemplo de ambigüidade de lições entre editores.

Como exemplo de um trabalho da tradição filológica portuguesa, a edição das *Cantigas de Amigo dos trovadores galego-portugueses*, de José Joaquim Nunes continua útil; é difícil dizer o que seria mais temerário, se considerá-la *a priori* superada pelos trabalhos de edição dos cancioneiros individuais dos trovadores, se tomá-la como única e exclusiva lição ou única e exclusiva leitura para cotejo. Leodegário Amarante de Azevedo Filho, que preparou a edição crítica de Pero Meogo, emite o seguinte juízo a respeito do trabalho de José Joaquim Nunes:

Trata-se de uma edição de proclamado valor, apesar das nossas discordâncias em vários pontos de sua leitura, em particular no que se refere a certas restaurações a que foi levado por excessivo apego à medida dos versos."⁶³

Aliás, o próprio José Joaquim Nunes faz o *mea culpa* à página XII do volume II de seu trabalho, na edição de que nos servimos:

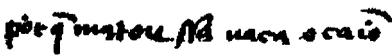
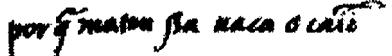
Ainda no caso de acrescentamento ou eliminação de palavras nem sempre procedi coerentemente, sobretudo depois que li o excelente livro de P. H. Ureña sobre *La versificación irregular en la poesia castella*; devo contudo dizer que estou convencido de que a ametria só por excepção se encontra nos Cancioneiros trovadorescos."⁶⁴

Outro editor de cancionero individual de trovador que nos fornece boa gama de elementos que permitem estabelecer diferença entre critérios de transcrição é Segismundo Spina com sua lição das cantigas de amigo e de amor de Pero Mafaldo mais conservadora do que a de José Joaquim Nunes.⁶⁵

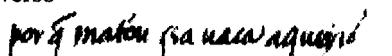
O caminho a percorrer, como o fazem todos os editores de cancioneros individuais, seguindo a lição de seus antecessores, é o do cotejo a partir dos manuscritos, e depois o das sucessivas lições críticas, mesmo aquelas que mais críticas tenham recebido. É exatamente por esse "ir às fontes" que se caracteriza o trabalho filológico.

4. Um "link" de volta para *caion* em outra cantiga.

Torna-se irresistível, nesta altura, uma conexão (ou um *link*, como diriam os navegantes de Internet) com outra ocorrência de *cajon*, que vínhamos examinando antes desses três casos, sobretudo porque a conexão leva ao trabalho de edição por excelência do Mestre de Anadia. Trata-se da cantiga de escárnio:

B. 1580: "Foy dom Ffagundo huñ dia"	V. 1112: "Foy dom Ffagundo huñ dia"
verso: 	verso: 
66	67

Monaci lê: "por q matou ssa uaca o caio".⁶⁸ José Pedro Machado, lê em B: "porque matou ssa uaca o caion"⁶⁹ Teófilo Braga lê em V: "porque matou sa vaca o cajon"⁷⁰

verso 	verso 
71	72

Monaci lê: "por q matou ssa uaca aqueyio"⁷³ José Pedro Machado repete lição anterior, dando no aparato crítico "aqueyion" que busca em V. Teófilo Braga lê repete a lição anterior. Nas *Cantigas d' Escarnho e de maldizer*, tanto na primeira edição como na edição ilustrada de 1995, a cantiga recebe o número 38; no aparato crítico estão as lições dos dois códices, e o editor declara:

É duvidoso se deveremos ler "o cajon" ou simplesmente "ocajon", de *occasionem*.

5. cajoões na *Demanda do Santo Graal*.

Diante de tal observação do criterioso editor, não podemos parar aqui, vamos ao códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, cópia única d' *A Demanda* portuguesa. Embora se saiba que se trata de testemunho do século XV, sua complexidade lingüística advém exatamente do fato de ser documento muito marcado por traços da língua no estado em que estava no apogeu a atividade dos trovadores.⁷⁴

O códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena registra no fólio 11r:

*Senam for bem menfestado e bem
comügado 2 límpo e purgado de todo
llos cajoões 2 de pecado mortal*

"Senam for bem menfestado e bem
comügado 2 límpo e purgado de todo
llos cajoões 2 de pecado mortal".⁷⁵

Aproximada essa ocorrência à de "caestes en tal caion" e às demais acima registradas, é possível ampliar um pouco o leque de significados: "acidente imprevisto, desastre, dano, lesão, desventura, má sorte", como o faz Augusto Magne no *Glossário da Demanda do Santo Graal*.⁷⁶

O campo semântico que a palavra cobre só vai encontrar outras palavras que o preencham a partir do século XVI, de fato, sabe-se que no período arcaico a língua portuguesa não registra ocorrência de "felicidade, infelicidade", que se expressavam por "boã andança, maa andança, boã ventura, maa ventura", podendo-se verificar que "cajon", em determinados contextos, equivale a "maa andança, maa ventura". Antônio Geraldo da Cunha, que tem o cuidado de datar as ocorrências em seus verbetes, confirma tais dados em seu *Dicionário Etimológico*.⁷⁷

6. soterre / cofre na *Demanda do Santo Graal*.

Visto que a Filologia propiciou dados para o estudo do léxico; seja nos permitido ampliar um pouco esta derivação para a lexicografia. Na *Demanda do Santo Graal*, morto o rei Bandemaguz, Galvam diz:

*eu hizey busquar pro ou
longe hum soterre*

Em sua edição de 1944, Augusto Magne leu: "eu irei buscar, preto ou longe, um cofre"⁷⁹ Tal lição foi corrigida por Joseph Marie Piel em suas "Anotações Críticas ao texto da *Demanda do Santo Graal*": "eu irei buscar perto ou longe u o soterre"⁸⁰

Em toda a *Demanda* não há registro algum de cofre e o que Galvam saiu a procurar é de fato onde enterrar o corpo do cavaleiro morto, aliás, na mesma coluna do fólio 101v, lê-se, poucas linhas acima:

Roguouos, q me c̄medea, alguu luguar
hu ho soterremos, ca ell he tam bo 7
de tam gram guisa q deue a s̄eer s̄o
terrado muito honrradamēte

"Roguouos q̄ me c̄medea alguū luguar
hu ho soterremos ca ell he tam bo 7
de tam gram guisaque deur a q̄ deue a s̄eer s̄o
terrado muito honrradamēte."⁸¹

O próprio Magne, em suas "Anotações complementares", no final do volume declara:

É algo anormal a forma do c- inicial nesta palavra, cuja presença faz alguma estranheza, pois o texto não alude, linhas adiante, ao "cofre" que Galvam foi buscar.⁸²

Tal observação do editor, não impediu, no entanto, que essa inexistente ocorrência de "cofre" na *Demanda do Santo Graal* tenha chegado a ser lexicografada, transformando-se em abonação no verbete "Cofinho" no *Dicionário Etimológico* de José Pedro Machado: "Pelo fr., temos *cofre*; séc. XIV (sic): 'eu irei buscar preto ou longe uñ cofre', *Dem.*, 102a, 271".⁸³

Há muitos casos de leituras flutuantes de certos grafemas em manuscritos e, por vezes, algumas dessas leituras, paradoxalmente, tornam-se preciosas, pois adquirem valor especial para outras finalidades. Seriam os tais erros de que fala Fernando Pessoa nos versos que traduziu de um certo Jacques de Cailly do século XVII, de que tomamos conhecimento em preciosa conferência de Ivo Castro.⁸⁴

Ah, cá está! Ainda bem!
É esta a boa edição,

Pois nesta página vem
Os dois erros de impressão
Que a má edição não tem.

7. Grafemas de leitura ambígua na *Demanda do Santo Graal*.

Vamos nos deter um pouco em dois pares de grafemas que habitualmente provocam oscilação de leitura entre os copistas e tradutores medievais. Trata-se dos grafemas *c / r*, *e / f*. O primeiro desses pares documenta-se em ocorrências como: a) canan / *raanam*; b) Camalot / Camaloc; c) coladiça / *roladiça*; d) crut / *creeo* / *rorno*; e o segundo, por exemplo, em: e) *razõ* / *fazõ*.

À guisa de ilustração, mas também por critérios científicos, trazemos a mesma ocorrência no testemunho francês e na reimpressão do incunábulo castelhano justilinearmente com a lição do manuscrito português do século XV, o que lamentavelmente não é possível fazer com a passagem acima da morte do rei Bandemaguz, porque os fragmentos do testemunho francês não cobrem a passagem e o castelhano, muito lacunoso, faz um salto que na *Demanda* portuguesa equivale à matéria contida entre o fólio 51v, linha 19 até o fólio 103r, linha 36. Tal lacuna de cerca de 52 fólhos (tomado por parâmetro o códice vienense) mereceu do editor da reimpressão do incunábulo castelhano o seguinte comentário:

Aqui se echa de ver la supresión de alguno o algunos capítulos, que explicasen el encuentro de Galbán con Gaeriet y Merengis, y las heridas del primero. Se ve que el traductor español omitia buena parte del original que tenía á la vista, sin cuidarse de explicar los sucesos intermedios.⁸⁵

Vamos então às ocorrências dos grafemas que habitualmente provocam oscilação de leitura, não apenas entre os copistas e tradutores medievais, como também entre editores desses textos.

Ocorrência a) canan / *raanam*:⁸⁶

filhos de raanam de Saloliqui - oticy canã nã

<i>La Version</i>	Códice 2594	Reimpressão 1535
filz au roy Canan de Salenque. Le roy Canan	filhos dey <i>raanam</i> de Saloliqui (...) o rey <i>raña</i> ...	E fueron hijos del rey Canan de Sauad; y el rey Canan ...

O que há para se dizer a respeito desse caso pode não ir muito além da simples constatação de que a lição dos grafemas *c / r* flutua entre o testemunho castelhano e os outros dois.

Ocorrência b) Camalot / Camaloc:

↑
1. or
Onde disse depois e tunc

<i>La Version</i>	Códice 2594	Reimpressão 1535
dont il dist puis a Camelot	ondeo disse depois e Camalot	tornose para Camaloc, e contara las nuevas

Já esta outra ocorrência, além de documentar a flutuação do grafema no testemunho castelhano em relação aos outros dois, mostra o testemunho português inquestionavelmente mais próximo do francês do que o castelhano.

Ocorrência c) coladiça / toladiça.⁸⁸

Ento
q' passou apouca do castello leyo
use ruez apouca Coladina Glo
tyo emreido q' non pode na tor
nar pa ali

<i>La Version</i>	Códice 2594	Reimpressão 1535
Et maintenant qu'il l'ot passee, il ot ung grant esfroiz fere et il se regarde et voit que l'en avoit après lui laissié cheoir une porte coleisse, et il s'apparçoit erranment que c'est néant du retourner par devers celle part.	etãto q̄ paſsou aporta do caſtello lei çouſe cera aporta coladiça elogo entedeo q̄ norij poderia tornar p̄ alli	e tanto que se vio dentro e passo la puerta, dexaron caer la conpuerta colgadiza, y el entendio luego que por alli no podia tornar...

A passagem, embora não registre, nos testemunhos originais, flutuação de leitura de grafemas c / τ entre os testemunhos, tem pelo menos dois interesses. O primeiro é desfazer dois equívocos de estudiosos da matéria, sendo um deles do editor-crítico Karl Von Reinharsdstettner que, em sua edição dos setenta primeiros fólhos do códice vienense, lê: "toladiça" e o outro do pesquisador Karl Pietsch que pretendeu ver divergência entre o testemunho português e a fonte francesa.⁸⁹ Quem pôs os pingos nos ii foi nosso homenageado Manuel Rodrigues Lapa, ao afirmar:

No que diz respeito à *Demanda*, Pietsch procurou inutilmente no texto português vestígios de formas castelhanas. Apenas notou um caso, sobre o qual chama a atenção das pessoas mais entendidas do que ele no português: "leixouse caer a porta toladiça" (leia-se "coladiça").⁹⁰

O segundo interesse é constatar que os testemunhos ibéricos estão mais próximos um do outro do que qualquer um deles do testemunho francês. Tal constatação adquire importância extraordinária, se aproximada da tese defendida por Ivo Castro, segundo a qual o tradutor da Post-Vulgata "Joam Vivas, João Bivas e Joannes Biuas (mas nunca Juan Bivas, como alguns autores pretendem)" - e aqui já aspeamos porque estamos citando literalmente Ivo Castro - é "um frade português que viveu em meados do século XIII com raízes e família em Lisboa e com acesso à corte".⁹¹ A pergunta que me faço e gostaria de passar aos senhores é simples: Como o tradutor castelhano conseguiu tradução tão próxima do testemunho português? Não fora a associação à tese de Ivo Castro, o sujeito dessa frase interrogativa poderia perfeitamente ser: "o tradutor português", portanto, tal associação de dados históricos à leitura do texto dos testemunhos mais antigos que conhecemos era esperada. Enquanto o testemunho francês era considerado perdido, as opiniões podiam divergir a respeito.⁹² Depois que Fanni Bogdanow publicou sua tese em 1966 e começou a publicar os fragmentos que identificou do testemunho francês, tornou-se possível voltar à questão com dados mais

seguros.⁹³ Foi o que fizemos em nossa tese de livre-docência defendida na Universidade de São Paulo, em 1996.⁹⁴

Ocorrência d) crut / creoo / torno:⁹⁵

co seu jrmaão

elle r

<i>La Version</i>	Códice 2594	Reimpressão 1535
Cil crut son frere	eellē ãeo seu jrmaão	Y el torno a sus hermanos

Desta feita, o comentário é definitivamente de natureza paleográfica e envolve a leitura flutuante dos grafemas *c* / *τ*, principalmente no caso da letra gótica bastarda, como é identificada a letra do códice vienense, obra de vários punhos.⁹⁶ Mas os paleógrafos poderiam perguntar: - por que principalmente? A quem gostaria de perseguir a questão, sugiro o acurado estudo de Maria José de Azevedo Santos, visto que nosso códice é do século XV.⁹⁷ A única possibilidade de explicação para "Y el torno" parece ser, de fato, a leitura de *τ* por *c*, com a interpretação da abreviatura *τ*~/*ã* que supre a ausência de - re - por - or -, a que se segue - eo - (última sílaba da forma verbal do perfeito: "creoo") lida - no - exatamente por causa da lição de *τ* por *c*, sobretudo porque a lição é precedida de dado muito evidente: "elle / Y el".

Ocorrência e) razõ / fazõ:⁹⁸

mais de ficar
aosta fazõ queuã ante an acabeça ta
lhada.

<i>La Version</i>	Códice 2594	Reimpressão 1535
mais le remanoir a cest point ne feroye je en nulle maniere. Je vouldroye mieulx avoir la teste coppee	mays de ficar aesta fazõ queria ante aũ acabeça talhada	mas de quedar aqui por tal razon no lo podria fazer por cosa del mundo, ca seria perjurado

Esta passagem, além de mostrar o testemunho português mais próximo da fonte francesa, documenta leitura de r por ſ, dentro da coerência com os argumentos levantados. O tradutor castelhano leu r ("r" longo) por ſ ("s" longo); o final diferente no enunciado castelhano deve-se a glosa, solução muito freqüente entre os tradutores medievais.⁹⁹

8. Fazer Filologia: exemplos de transcrição a seguir.

É objetivo nosso mostrar o alcance que tem o rigor filológico para além do estabelecimento do texto, o que já não é pouco. Associado à codicologia, à paleografia e a informações históricas pertinentes à época, ao copista, ao tradutor ou autor, o trabalho filológico pode propiciar cerrada argumentação dentro do que se pretende demonstrar. O rigor filológico não se situa no âmbito da "correção", como talvez se imagine: fazer filologia com rigor não tem por finalidade apresentar um texto "correto" do ponto de vista de uma norma lingüística, por mais documentada, da época do testemunho, mas sim oferecer lição autêntica do testemunho, com os "erros" que possa ter. Lembremos da estrofe do espólio de Fernando Pessoa. Além do que o trabalho filológico carrega dados para a descrição da norma lingüística: variação e mudança dentro da época a que pertence o documento.

Diante do exposto até agora, cabem duas observações, antes de avançar. A primeira é que, de modo geral, as intervenções do editor têm registro limitado ao aparato crítico, não ficando o menor vestígio de sua passagem no texto editado. Leodegário Azevedo Filho lembra que o trabalho de José Joaquim Nunes tem sido transcrito com ou sem citação, em várias antologias.¹⁰⁰ Ora, como se sabe que o texto publicado, nessas condições, via de regra, vem desacompanhado do respectivo aparato, segue-se que o editor fica indefeso e o leitor, principalmente o menos preparado, pode ser iludido, se tomar a lição como única, o que pode acontecer mais facilmente, no caso de a publicação omitir a indispensável bibliografia. A segunda é o reconhecimento de que os critérios de transcrição passaram por substancial alteração. Tal observação já havia sido objeto de estudo nosso: "O testemunho da dúvida: a busca da boa edição", no livro de homenagem ao Prof. Segismundo Spina.¹⁰¹

Em 1973, o Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, publicou suas "Normas de transcrição para textos medievais portugueses."¹⁰² Tais normas refletem a preocupação com a necessidade de buscar critérios compatíveis com a qualidade do texto estabelecido, na época. Em 1985, a *Revista Lusitana*, ao publicar "Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense", traz na apresentação reflexões de Ivo Castro a respeito dessa busca de critérios para normas compatíveis agora com o que ele descreve como

o aparecimento na língüística histórica de novas metodologias como as da grafemática e da scriptologia, o aparecimento da codicologia entre a diplomática e a paleografia e, de um modo geral, a própria evolução interna de todas as disciplinas que lidam com as fontes escritas antigas, o reforço da consciência de que algum lucro suplementar se pode tirar de exames sempre mais agudos das formas materiais do documento - tod9os estes

desenvolvimentos, sem revolucionarem o curso das ciências filológicas e históricas, vieram nesta segunda metade do século XX introduzir substanciais modificações no nível da observação e do tratamento dos dados e suscitar um forte apelo "produção de edições diplomáticas ou equivalentes."¹⁰³

Os trabalhos desenvolvidos pela equipe de orientados de Ivo Castro esclarecem a evolução da atitude científica do orientador, como vem expressa em sua introdução à edição Piel-Freire Nunes de *A Demanda do Santo Graal*, quando se declara "contrito co-signatário" daquela norma de 1973.¹⁰⁴ Em suma, os novos trabalhos de edição estão voltando a critérios que lembram mais de perto aqueles da edição diplomática, pelo menos enquanto não é possível ter acesso, como se deseja, ao próprio documento na tela do computador. Este zelo pela transcrição, a mais criteriosa possível, levou Luiz Fagundes Duarte a oferecer duas lições em sua tese de mestrado: *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, uma lição paradiplomática que preserva todas as características lingüísticas e gráficas dos documentos e outra interpretativa, ambas justapostas.¹⁰⁵ Nesta linha de rigor, chega-nos a notícia de que está em gestação trabalho com o *Cancioneiro do rei Dom Denis*.

Antes de encerrar a exposição com uma proposta, temos a satisfação de veicular um documento de trabalho caracteristicamente novo, como pensamos ao determinar o tema da conferência para a diretoria do GEL. Entra como luva na mão dentro do desenvolvimento de nosso raciocínio. Rita Marquilhas, da Universidade de Lisboa, conhecida por seu precioso trabalho ainda a ser assimilado entre nós: *Norma Gráfica Setecentista: do autógrafo ao impresso*, está realizando uma pesquisa do maior interesse.¹⁰⁶ Trata-se, como a própria pesquisadora declara, de "uma fonte onde se colhem inúmeros produtos gráficos saídos das mãos de executantes que não eram profissionais da escrita - chamemos-lhe *mão inábeis*."¹⁰⁷ Os documentos estão nos *Cadernos do promotor*, no arquivo da Inquisição (1536-1821) do século XVII, e são provenientes das diversas regiões de Portugal. A pesquisadora encontrou dificuldades para a transcrição desses documentos e precisou criar normas próprias. Definiu-se por "transcrição conservadora, fiel, na medida do possível, às particularidades gráficas das formas originais."¹⁰⁸ Atendendo a solicitação nossa, permitiu-nos a pesquisadora mostrar um texto de sua transcrição para nosso aprendizado.

aos des de nouembro deste ano de seis centos / 2 e dezaseis anos me deu hũa
 pesoa por / 3 min reconh <e>sida hesa carta que cõ hesta uai / 4 em que me
 requira a mandase a uosas merseas / 5 eu como aualiador dos bis confisqados / 6
 aseiteia por ao prezente não estarẽ fami / 7 liar nenhũa na tera e amtreguei a do
 / 8 minguos andrel por me pareser pesaa / 9 de confiansa auendo de se fazer
 algũa / 10 deligensia nisto ou noutra couza falei / 11 como uosas merseas me
 mandarẽ cũ o segredo / 12 nesario conforme a obriguasão que temos / 13 oie
 dezaseis de outubro de seis centos / 14 e dezeseis anos manoei frz. de
 magu{lh} / 15 lhis (-)109

Considerando a natureza do trabalho e seu ineditismo, limitamo-nos a observar algumas marcas que a transcrição utiliza, como a separação da linhas e sua numeração / 2, o texto na entrelinha < >, o texto cancelado { } e o que mais nos interessa: o escrúpulo com a fidelidade às particularidades gráficas do documento. A transcrição permite supor que se preservem traços regionais com precisão acima do esperado, justamente por se tratar de *mãos indúbeis*.

Estamos num momento privilegiado por crescente interesse em recuperar-se o passado, de Lisboa devem vir para o Arquivo Nacional, para Bibliotecas e para Instituições Acadêmicas do país cerca de 250 mil documentos datados do fim do século XVI até meados do século XIX referentes ao Brasil; em São Paulo, inaugura-se um novo Arquivo do Estado com novos recursos para a pesquisa; encontram-se em andamento entre nós dois projetos: o do Português da cidade de São Paulo e o Filologia Bandeirante, ambos muito afinados com o Projeto Prohpor, de Rosa Virgínia Mattos e Silva: Projeto para a História do Português do Brasil. Entre 16 e 18 de abril passado, os pesquisadores desse projeto deram demonstração de como o trabalho prossegue com rigor científico tanto na pesquisa de documentos como na busca do melhor critério de estabelecimento do texto. A proposta final é que a leitura dos textos seja compatível com o estudo lingüístico.

NOTAS

* Deixamos registrado nossos agradecimentos pela gentil colaboração do Prof. César Nardelli Cambraia pelo escaneamento de todas as reproduções de manuscritos neste trabalho.

1. *Cantigas d'Escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa, Editorial Galaxia, Coimbra, Atlântida Ed., 1965. Em 1970, pelo mesmo editor e mesma oficina de impressão foi feita edição revista e acrescentada. Saiu em 1995 a terceira edição dessa obra, ilustrada, sob os auspícios do Instituto Rodrigues Lapa, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

2. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica de José Joaquim Nunes, 3 v., Coimbra, 1926-1928, com várias reimpressões. A recensão de Manuel Rodrigues Lapa saiu com o título "O texto das Cantigas d'Amigo", em *A Língua Portuguesa*, I, (1929-1930) p. 13-21, 56-66, 77-85, 105-112, tendo sido reimpressa em M. Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 9-50, e novamente reimpressa em M. Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1982, p. 141-195.

Joseph Huber - *Gramática do Português Antigo*, editada no original alemão em Heidelberg, por Carl Winters, em 1933, a tradução para o português feita por Maria Manuela Gouveia Delille foi publicada em Lisboa, pela Calouste Gulbenkian, em 1986.

A recensão de Manuel Rodrigues Lapa aparece na *Revista Lusitana*, vol. XXXIV (1936), p. 300-312, sendo reimpressa em M. Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 283-295, além de vir reproduzida em apêndice à tradução portuguesa de Huber, p. 361-378.

3. Deixando de lado as transcrições de fragmentos curtos feitas, por exemplo, por Otto Klob, Leite de Vasconcelos e pelo próprio Manuel Rodrigues Lapa, vamos nos interessar, de início, pelo trabalho de Karl Von Reinhardtstoettner que, em 1887 editou os setenta primeiros fólhos do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, cópia única do texto português do século XV, em Berlim, pelo trabalho de Augusto Magne, com duas edições, a primeira de 1944, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Nacional do Livro, dois volumes de texto e um de glossário, e a segunda, fac-similar, pelo mesmo editor, em dois volumes, sendo o primeiro em 1955 e o segundo, em 1970; do glossário amplamente refundido para três volumes, apenas saiu o primeiro, de "A" a "D", em 1967; e recentemente por outras duas edições: a de Joseph-Marie Piel e Irene Freire Nunes, texto dos anos vinte, de que se perderam as últimas folhas de provas tipográficas que, refeitas por Irene Freire Nunes, perfazem as quarenta e cinco páginas finais do texto editado em Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988, e a primeira edição crítica com normas de transcrição, da própria Irene Freire Nunes, também de Lisboa, pelo mesmo editor, em 1995. A respeito da história do trabalho de Piel, há notícia na introdução que escreveu Ivo Castro para a edição de 1988. Manuel Rodrigues Lapa, em "A Demanda do Santo Graal, prioridade do texto português", in: *A Língua portuguesa*, v. I, (1929-1930), p. 266-279 e p. 305-316, reimpresso em *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 105-133, e em M. Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1982, p. 303-340, à nota 10, declara: "A Imprensa da Universidade de Coimbra está imprimindo o manuscrito de Viena. Devo à bondade de seu ilustre diretor, o Dr. Joaquim de Carvalho, o poder consultar as folhas, à medida que se vão imprimindo." A versão francesa desse texto: "La Demanda do Santo Graal: priorité du texte portugais par rapport au texte castillan" saiu em *Bulletin des études portugaises*, Coimbra, tomo I, (1930), p. 137-160.

4. Alfred Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France au moyen age*, Paris, 1889.

Manuel Rodrigues Lapa. *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, Lisboa, 1929.

5. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci Brancuti) cód. 10991*, Lisboa, Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982, p. 290. Para as demais referências: B.

6. *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (cód. 4803)*, edição fac-similada (com uma introdução de Luís Felipe Lindley Cintra), Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, Instituto da Alta Cultura, 1973, p. 78. Para as demais referências: V.

7. *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana messo a stampa da Ernesto Monaci, com una prefazione con facsimili e con altre illustrazioni*, Halle a S., Max Niemeyer Editore, 1875, p. 74. Para as demais referências: Monaci.
8. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti* edição semidiplomática de Elza Paxeco e José Pedro Machado, Lisboa, Editora de Álvaro Pinto (Revista de Portugal), 1949-1964, volume III, cantiga [547], p. 217. Para as demais referências: Machado.
9. *Cancioneiro Portuguez da Vaticana, edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle*, por Teófilo Braga, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, p. 38. Para as demais referências: Braga.
10. *Cancioneiro d'el rei D. Diniz, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito da Vaticana ... pelo Dr. Caetano Lopes de Moura*, Pariz, em casa de J. P. Aillaud, 1847, p. 166.
11. *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, edição de Henry R. Lang, Halle a S. 1894, p. 87
12. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Zum Liederbuch des Königs Denis von Portugal", in *Zeitschrift für Romanische Philologie*, XIX, Halle, 1895, p. 530. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica de José Joaquim Nunes, v. II, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, p. 35. Silvio Pellegrini, *Don Denis*, Belluno, 1927, p. 36.
13. Manuel Rodrigues Lapa, "Silvio Pellegrini, *Don Denis*, Belluno, 1927, 41 págs.", in *Revista Lusitana*, XXXVI, (1927), p. 306-309.
14. Idem, *Ibidem*, p. 309.
15. Manuel Rodrigues Lapa, "O texto das Cantigas d'Amigo", em *A Língua Portuguesa*, I, (1929-1930), p. 57. Ver a respeito desse texto as informações da nota 2. O primeiro exemplo é o v. 5 da cantiga de amor de Dom Denis: "Quant eu fremosa mha senhor" (B. 501 e V. 84) que Lang (*Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle a S. 1894, p.16) lê: "vos veja: mais tal conffort'ei" e Nunes (*Cantigas de amor dos trovadores galego-portugueses*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1972, p. 68, cantiga XXXII) lê: "veja mays [a]tal confort'ey". O segundo exemplo é o verso 16 da cantiga de escárnio de Dom Denis: "Deus com'ora perdeu Joan Simion" (B. 1542 = CB 415); Lang (*Opus citatum*, p. 106) lê: "pois que se par tal cajom perderom" e Lapa (*Cantigas d'Escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, Editorial Galaxia, Coimbra, Atlântida Ed.,1965, p. 161, cantiga 97 - na edição ilustrada de 1995, p. 80, a mesma cantiga 97) lê: "pois se por [a]tal cajon perderon".
16. Manuel Rodrigues Lapa, "Cajon ou ocajon? (A propósito do v. 12 do C. V. n.º 186). In: *Revista Lusitana*, XXVIII, Lisboa, 1930, p. 297-298. Reimpressão em *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 239, e em M. Rodrigues Lapa, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1982, p. 417- 418.

17. Silvio Pellegrini, "Appunti su una canzone di re Denis e sulla fortuna di *occasio*", in: *Archivum Romanicum*, XVI, Genève, Firenze, 1933, p. 439-459. Reimpresso em Silvio Pellegrini, *Studi su trove e trovatori della prima lirica ispano-portoghese*, 2 ed. revista e aumentada, Bari, Adriatica Editrice, 1959, p. 141-160. Já aparecia na primeira edição dessa obra em 1937.
18. B., p. 258.
19. V., p. 47.
20. Machado, volume III, cantiga [458], p. 35.
21. Braga, p. 20.
22. B., p. 365.
23. V., p. 144.
24. Machado, volume IV, cantiga [726], p. 75.
25. Braga, p. 69.
26. B., p. 598.
27. V., p. 172.
28. Machado, volume VI, cantiga [1265], p. 42.
29. Braga, Lisboa, p. 172.
30. B., p. 659.
31. V., p. 388.
32. Machado, volume VI, cantiga [1402], p. 197.
33. Braga, p. 210.
34. B., p. 678.
35. Machado, Lisboa, volume VI, cantiga [1448], p. 249.
36. B., p. 680.
37. Machado, Lisboa, volume VI, cantiga [1454], p. 255.
38. B., p. 680.
39. Machado, Lisboa, volume VI, cantiga [1454], p. 255.
40. Manuel Rodrigues Lapa, "*Cajon* ou *ocajon*? (A propósito do v. 12 do C. V. n.º 186). In: *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 239.
41. Silvio Pellegrini, *Opus citatum*, p. 151.
42. Idem, *Ibidem*, p. 180.
43. Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989, p. 40.

44. B., p. 722.
45. V., p. 404.
46. Monaci, p. 400.
47. Machado, volume VI, cantiga [1515], p. 324.
48. Braga, Lisboa, p. 219.
49. *Cantigas d'Escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa, Editorial Galaxia, Coimbra, Atlântida Ed., 1965, cantiga 222, p. 342; na edição ilustrada de 1995, o número é o mesmo, a página é
- 50 B., p. 330.
51. V., p. 113.
52. Monaci, p. 109.
53. Braga, p. 54.
54. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica de José Joaquim Nunes, v. II e III, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, para o texto da cantiga CX, v. II, p. 101 e para as notas, v. III, p.101-102.
55. Gladis Massini-Cagliari, "Linguística Histórica e Fonologia não-linear" inédito, conferência proferida na mesa redonda "Fonologia do Português, durante o Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, na USP, 1997. Agradecemos a gentileza com que nos cedeu o texto.
56. B., p. 659.
57. V., p. 388.
58. Monaci, p. 384
59. Braga, Lisboa, p. 210.
60. Machado, Lisboa, volume VI, cantiga [1402], p. 197.
61. Oskar Nobiling, *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do século XIII. Edição crítica, com notas e introdução*, Erlangen, K. B. Hof- und Univ.-Buchdruckerei von Junge & Sohn, 1907, cantiga 52, p.69. (These para o doutorado da Universidade de Bonn).
62. *Cantigas d'Escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa, Editorial Galaxia, Coimbra, Atlântida Ed., 1965, cantiga 204, p. 313; na edição ilustrada de 1995, o número é o mesmo, a página é
63. Leodegário Amarante Azevedo Filho, *As cantigas de Pero Meogo*, 2.a ed., revista, (Estabelecimento crítico dos textos, análise literária, glossário e reprodução fac-similar dos manuscritos), Rio de Janeiro, Brasília, Edições Tempo Brasileiro, Instituto Nacional do Livro, 1981, p. 25. Essa obra encontra-se na terceira edição, publicada em Santiago

de Compostela, por Edicións Laiovento, em 1996. A segunda edição, por essa mesma casa editorial, é de 1995.

64. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica de José Joaquim Nunes, v. II, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, p. XII.

65. Segismundo Spina, *As Cantigas de Pero Mafaldo*, (Texto estabelecido, com notas e glossário), Rio de Janeiro, Fortaleza, Tempo Brasileiro, Universidade Federal do Ceará, 1983.

66. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci Brancuti) cód. 10991*, Lisboa, Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982. p. 704.

67. V., p. 393.

68. Monaci, p. 389.

69. Machado, volume VI, cantiga [1482], p. 286.

70. Braga, p. 213.

71. B., p. 704.

72. V., p. 393.

73. Monaci, p. 389.

74. Manuel Rodrigues Lapa, "A *Demanda do Santo Graal*, prioridade do texto português", in: *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 112. As palavras textuais de Lapa: "Quem se familiarizou com os documentos lingüísticos do século XIII e leu com atenção a *Demanda*, não pode deixar de reconhecer que há entre ela e eles uma perfeita identidade de linguagem, se abstrairmos, é claro, das atualizações do escriba quatrocentista e considerarmos apenas o fundo primitivo. Mais ainda: essa linguagem tem a semelhança flgrantíssima com a dos trovadores da melhor época."

75. *DSG*, fól. 11r.

76. Augusto Magne no *Glossário da Demanda do Santo Graal A - D*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1967, p. 239. Ver ainda a respeito de *cajon*: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Dispersos. Originais portugueses II. Lingüística*, v. 1, Lisboa, Edição da Revista de Portugal, 1959, p.66-67.

77. Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982. Atualmente em segunda edição pela mesma casa editorial.

78. *DSG*, fól. 101v-102r

79. *A Demanda do Santo Graal*, ed. Magne, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1944, v. I, p. 354.

80. Joseph-Maria Piel, "Anotações críticas ao texto da *Demanda do Santo Graal*", in *Biblos*, XXI, 1945, p. 175-206.

81. *DSG*, fól. 101v.

82. *A Demanda do Santo Graal*, ed. Magne, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1944, v. I, p. 412.
83. José Pedro Machado. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2. ed., Lisboa, Confluência, 1967, p. 649. A primeira edição é de 1952 e a obra tem sido reimpressa diversas vezes.
84. Ivo Castro, "Filologia Pessoaana" conferência para o Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária do Liceu Literário Português e do Instituto de Língua Portuguesa do Rio de Janeiro, entre 5 e 10 de outubro de 1992. Renovamos os agradecimentos por nos ter cedido gentilmente cópia de seu trabalho.
85. Adolfo Bonilla Y San Martin, *La Demanda del Sancto Grial*. Primera parte: *El Baladro del Sabio Merlin*. Segunda parte: *La Demanda del Sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo. Libros de Caballerias*. Primera parte: *Ciclo Arturico* (Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 6), Madrid, 1907 (reimpressão da edição de 1535 das versões espanholas do *Baladro* e da *Demanda*; *La Demanda del Sancto Grial* está às páginas 163-338), p. 210, nota nº.1. Tal vezo do testemunho castelhano já havia sido assinalado por quem por primeiro estudou e editou o texto: Pere Bohigas Balaguer, *Los textos Españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Sancto Grial*, Madrid, 1925 (*Revista de Filología Española* - anejo VII) p. 57-78.
86. Para o testemunho francês, buscamos a passagem na edição de Fanni Bogdanow: *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal. Troisième partie du Roman du Graal*, Paris, Sociéty des Anciens Textes Français, 1991, t. II, p.392, n. 284. Para a *Demanda do Santo Graal*, fomos ao próprio códice: fólio 104r); Para o testemunho castelhano, valemo-nos da reimpressão referida na nota acima: *La Demanda del Sancto Grial*, B. y SM, p. 211, cap. CXXX).
87. *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal*, t. II, p.134, n. 101; DSG, fólio 33r; *La Demanda del Sancto Grial*, B. y SM, p. 194, cap. LXXXVII)
88. *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal*, t. II, p.171, n. 131; DSG, fólio 43v; *La Demanda del Sancto Grial*, B y SM, p. 203, cap. CVII
89. Karl Von Reinhardstoettner, *A Historia dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal*, Berlim, Druck und Verlag Von A. Haack, 1887, p. 88
- Karl Pietsch, *Spanish Grail Fragments: El libro de Josep Abarimatia, La Estoria de Merlin, Lançarote*, editados do único manuscrito, in: *Modern Philology Monographs of the University of Chicago*, 2 v., 1924 e 1925. (Edição dos fragmentos espanhóis do Graal contidos no ms. 2-G-5 da Biblioteca de Palácio, Madrid, hoje ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca).
90. Manuel Rodrigues Lapa, em "*A Demanda do Santo Graal*, prioridade do texto português", in: *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965, p. 109. Para informação bibliográfica completa a respeito desse trabalho, ver nota 3 acima. Este trabalho de Lapa é de 1930, o fragmento francês só vem a ser editado em 1991, por Fanni Bogdanow. Recentemente Ivo Castro voltou ao trabalho de Karl Pietsch,

concluindo que "a 'leonização' operada por Pietsch acaba, afinal, por ter efeitos contraproducentes. As relações entre os manuscritos arturianos peninsulares ficam mais claramente definidas se o manuscrito de Salamanca for reconhecido como contendo uma versão do *Joseph* realmente castelhana." Por fim considera que "vale a pena fazer uma edição diplomática do *Joseph* de Salamanca" (Ivo Castro, "Karl Pietsch e a sua edição dos *Spanish Grail Fragments*" in: *Actas del I Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, ed. M. Ariza, A. Salvador, A. Viudas, Arco Libros, 1987, p. 1123-1129).

91. Ivo Castro, "Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata" in: *Boletim de Filologia*, tomo XXVIII, 1983, p. 81-98.

92. Manuel Rodrigues Lapa escreve em 1930, em "A Demanda do Santo Graal: prioridade do texto português: "... pois se supõe geralmente que ele (o texto português da *Demanda*) é a tradução fiel duma redação francesa, hoje perdida." v. nota 3 informação bibliográfica completa desse trabalho.

93. Fanni Bogdanow, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, Manchester, Nova Iorque, Manchester University Press, Barnes and Noble, 1966. É a tese, a edição: Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate de La Queste del saint Graal et de La Mort Artu. Troisième partie du Roman du Graal*. T. I. *Introduction*, T. II. (texto até o número 393), T. IV.1 *Commentaire*, Paris, Société des Anciens Textes Français - Picard, 1991.

94. Heitor Megale, *A questão da prioridade da tradução da Post-Vulgata Arturiana na Península Ibérica, à luz dos testemunhos franceses*, tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte integrante do concurso de livre-docência, mimeogr. 1996.

95. Fanni Bogdanow, *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal*, t. II, p.129, n. 98; *DSG*, fólio 32r; *La Demanda del Sancto Grial*, B y SM, p. 192, cap. CXXXIV.

96. A respeito dos punhos, ver Heitor Megale, "As mudanças de mão no códice d'A *Demanda do Santo Graal*, in: "Gênese e memória. IV Encontro Internacional de pesquisadores do manuscrito e de edições", São Paulo, Annablume, 1995, p. 215-221.

97. Maria José de Azevedo Santos, *Da visigótica à carolina. A escrita em Portugal de 882 a 1172*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

98. *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal*, t. II, p. 467, n. 353; *DSG*, fólio 117v; *La Demanda del Sancto Grial*, B y SM, p. 231, cap. CLXXXV

99. Ver a propósito: *Traducteurs au Moyen Age*, Paris, CNRS

100. Leodegário Amarante Azevedo Filho, *As cantigas de Pero Meogo*, 2.a ed., revista, (Estabelecimento crítico dos textos, análise literária, glossário e reprodução fac-similar dos manuscritos), Rio de Janeiro, Brasília, Edições Tempo Brasileiro, Instituto Nacional do Livro, 1981, p. 25.

- 101 Heitor Megale, "O testemunho da dúvida: a busca da boa edição", in: *Língua, Filologia e Literatura para Segismundo Spina*, São Paulo, FAPESP, EDUSP, Iluminarias, 1995, p. 135-149.
102. Maria Helena Lopes de Castro, Isabel Vilares Cepeda, Virgílio Madureira e Ivo Castro, "Normas de transcrição para textos medievais portugueses", in: *Boletim de Filologia*, XXII, p. 417-425.
103. Ivo Castro, "Apresentação" de "Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense" in *Revista Lusitana*, nova série, n.º 4 (1982-83 e 5 (1984-85), p. 13. Trata-se de edição orientada e dirigida por Ivo Castro, com trabalhos de Ana Maria Martins, Luiz Fagundes Duarte, José Manuel Feio e Patrícia Villaverde Gonçalves.
104. Ivo Castro, "Introdução" in *A Demanda do santo Graal*, edição de Joseph-Maria Piel concluída por Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988, p. XXIV.
105. Luiz Fagundes Duarte, *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, dissertação apresentada no âmbito do Curso de Mestrado em Lingüística Portuguesa Histórica, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa nos anos lectivos de 1981-1982 / 1982-1983, com vistas à obtenção do grau de Mestre em Lingüística Portuguesa, mimeogr., 1986.
106. Rita Marquilhas, *Norma Gráfica Setecentista: do autógrafo ao impresso*, Lisboa, Instituto Nacional da Investigação Científica, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1991.
107. Rita Marquilhas, "Importância das fontes judiciais no conhecimento do Português seiscentista" fl. 1. Trabalho inédito a que tivemos o privilégio do acesso por Tânia Lobo, da Universidade Federal da Bahia.
108. Rita Marquilhas, "Importância das fontes judiciais no conhecimento do Português seiscentista", no apêndice do artigo, fl. 8.
109. Rita Marquilhas, "Importância das fontes judiciais no conhecimento do Português seiscentista", no apêndice do artigo, fl. 11.

RESUMO: *Escrito em homenagem a Manuel Rodrigues Lapa, no centenário de seu nascimento, este texto visa mostrar como se desenvolve a pesquisa em Filologia. Busca o aprendizado do trabalho filológico no exame de soluções a que chegou o eminente filólogo português em passagens difíceis ou polêmicas com que se defrontou. À vista dos trabalhos da tradição, aponta para a necessidade do cuidado filológico nos novos trabalhos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Filologia, Crítica Textual, Filologia Portuguesa.*